

Perplexidades

REYNALDO JARDIM
Editor de Cultura

○ Brasil ainda não tem Ministro da Cultura, mas aí está a nova Secretaria desta híbrida cidade-estado. Sob o signo do atabalhoamento conflita-se o ambiente político-cultural.

Leite derramado há de se pensar rápido, planejar rápido, entrar rapidamente em ação e ordenhar a vaca com cautela e sabedoria para que nossa cultura, que ainda é um bebê, possa crescer bem amamentada. Vai ser difícil pacificar os espíritos inquietos dos ativistas, dos já estavam com as mangas arregaçadas e com a mão na massa. O negócio é absorver os golpes com a presteza de samurai-zen e, cristamente, esquecendo qualquer ressentimento, prosseguir na batalha para dotar a cidade de uma estrutura que suporte a vitalidade criativa de nossos artistas.

O que se chama de Fundação Cultural é, em todo o País, um equívoco expressivo. Realmente o que temos tido são fundações destinadas a cuidar de um aspecto limitado da cultura que é a face da expressão artística. Mais apropriado seria dizer-se Fundação das Artes. Cultura abre o leque conceitual demais da conta e abriga toda a expressão de um momento da civilização, o que não é o caso nem da Secretaria, muito menos de uma Fundação de recursos.

Neste País é preciso repensar tudo. E neste mundo também. As estruturas estão todas falidas. O que gera uma nova estrutura são novas idéias. A Nova República simplesmente aceita a herança estrutural recebida. Mantém a peça e muda o elenco. Ninguém questiona a validade das instituições. Atribui-se o mal funcionamento à inoperância, à burocracia, à falcatruas, à empreguismos. Usa-

se um equipamento obsoleto, enferrujado, movido a suborno, e pretende-se dele uma eficiência e uma eficácia que jamais poderá acontecer. Não se questiona a utilização dos espaços vocacionados para uma ocupação acadêmica e rotineira.

A Fundação Cultural planta as sementes de uma reconceitualização geral. Que será dela? E esperar para ver. Como fazer com que não vá por água abaixo todo o trabalho criativo, eficiente, viável, atuante de Luis Humberto à frente da Fundação Cultural? Que fazer dos projetos que previam uma intensa comunhão comunitária? Como não jogar água na fervera? Como não paralisar a vida cultural da cidade durante o tempo de implantação da nova máquina administrativa? Como conciliar a atuação da Fundação Cultural com as idéias do novo secretário sem que isso signifique conflitos geradores de pasmo, estagnação e indignação? Como enfrentar a maioria dos criadores artísticos, dos produtores, das entidades que se declararam frontalmente contra a divisão intempestiva das secretarias? Como não lembrar do caso Funarte, quando a comunidade cultural em peso apresentou o nome de Alex Chacou, e passado tanto tempo a Funarte local permanece esperando um Godot que não chega? Como não frustrar a esperança da comunidade de produção artística engajada no programa de ação na nova FCDF? Como fazer com que acreditemos na seriedade de propósitos e não em articulações e conchavos?

Fica a pauta de perguntas. Fica o espaço disponível para que o Secretário da Cultura nos responda.

Reinaldo Jardim Editor de Cultura